

## SISTEMA DO TATO



# *Sistema do tato*

ALEJANDRA COSTAMAGNA

*Romance*

*Tradução de  
Mariana Sanchez*



*Para a Miska, pássara de minhas insônias.  
E para a Hebe, por tanto, tanto.*



*Que monstruosidade os antepassados,  
meras histórias para enlouquecer as crianças.*

MARÍA SONIA CRISTOFF

*Quando somos felizes, nossa imaginação tem mais força;  
quando somos infelizes, age mais vivamente a nossa memória.*

NATALIA GINZBURG



Não vai ler, pensa Agustín. A chileneza não vai ler. Acaba de emprestar a ela os três últimos livros que o Gariglio, seu colega de datilografia, lhe emprestou: *A herança maldita*, *Pânico no paraíso* e *Crianças diabólicas*. O empréstimo do empréstimo. Precisa devolvê-los ao Gariglio na semana que vem ou então pagar por eles, se gostar. A menina está entediada, pensa Agustín. Por isso lhe dá livros. Ela os recebe como quem recebe cartas numa partida de escopa, como as que joga com seus avós toda noite, sem muito entusiasmo. Com apatia, na verdade, algo que Agustín não acha próprio da idade dela. Não deveria passar tantas horas com Nélica naquele quarto cheio de exclamações. Ele sabe que por trás dos silêncios de sua mãe há estrondos que podem deixar qualquer um surdo. Mesmo que seja uma menina, mesmo que seja estrangeira. Também não é bom que a obriguem a dormir a sesta, nem que passe os meses de férias trancada com os velhos. Senão, olhem só pra ele, mal sai uma vez por semana para suas aulas de datilografia. Olhem pra ele, vivendo nessa toca, teclando e teclando, não vai nem até a praça. Como se isso, sua vida, fosse o prolongamento tardio de alguma guerra. Um cativo, uma daquelas prisões de comunas que dizem que tem virando a esquina. Agustín ouve rumores, mas não os alimenta. E é verdade que a menina não está trancada, isso seria um exagero. Às vezes ela sai com sua prima Claudia, trepam em árvores, fazem coisas de meninas. Nota-se que ela gosta de estar ali, com esses parentes que moram em casas tão diferentes, imagina Agustín, das de seu país. Ele nunca foi além de Mar del Plata (e isso já faz tempo, com sua mãe,



quando ainda saíam de casa). A menina, pelo contrário, vai e vem todo ano do Chile para a Argentina, da Argentina para o Chile, por terra. Tantas vezes ouviu o relato da chilena e de seu pai. Que a planície procurando os trilhos de um trem que nunca aparece enquanto avançam rumo ao oeste, que os redemoinhos como uma miragem, que as paradas no meio da estrada para fazer xixi ou esticar as pernas, que as montanhas lá no fundo, que a subida, quanto falta agora, pai?, que o túnel mais comprido do mundo – quase tão comprido como o Chile, Agustín imagina que a menina exagera esticando os braços, como se o mais comprido do mundo fosse um metro e meio, um país caindo pra fora do mapa –, que o vento como um animal furioso lá no topo, que a bandeira com a estrela branca ao lado sobre o fundo azul e o vermelho sangue, que as curvas montanhosas, que a descida, que por fim sua casa. A menina tem nome, mas ele a chama de *chilena*. É filha do seu primo e tem o mesmo sobrenome que ele; as mesmas iniciais, inclusive. Poderia ser sua irmã caçula, pensa, a irmã que nunca teve. Às vezes tem vontade de entrar na citroneta do primo e partir com ele e a menina para o outro lado. Levar o rádio de pilha e escutar Elvis Presley até suas vozes se apagam. A de Elvis e as da comitiva. Parentes que fogem juntos e desaparecem dos radares humanos. Diabos disfarçados de anjos, decolando rumo a um céu sem nome, rumo a outra galáxia. Que a chilena o salve. Que o tire dali, que lhe abra as portas, que o faça cruzar o mar se necessário for, que lhe diga que aqueles livros são de mentira, que a vida é outra coisa. Mas a menina é só uma menina e não pode mudar a história.

DIVISÃO IMAGINÁRIA DO TECLADO: divide-se o teclado em duas partes com uma linha imaginária. As letras situadas do lado esquerdo da linha citada deverão ser pressionadas com os dedos da mão esquerda e as situadas do lado direito, com os da mão direita.

Está morrendo, o pai lhe diz. Seu primo, o último parente do seu ramo que ainda resta vivo, seu único primo, agoniza do outro lado da cordilheira. Ele diz que não pode viajar a Campana, que por favor vá acompanhar Agustín em sua agonia. Que o substitua, lhe pede o pai enquanto apaga o segundo cigarro da manhã. Se ela aceitar, diz, ele compra a passagem hoje mesmo e lhe dá dinheiro para as despesas. O que precisar. Ania precisa. Desde que a demitiram da escola, precisa muito. De dinheiro, de estabilidade. Desde que começou a passear com cachorros, a cuidar de gatos, a regar plantas alheias enquanto os moradores das casas estão viajando. Desde que conheceu Javier nessas andanças. Não, dizer isso seria injusto. Melhor: desde que começou a fazer uso da razão. Desde que sua mãe morreu quando ela tinha dois anos e ainda não era nem gente. Desde que apareceu Leonora e o pai começou a falar outro idioma. Um idioma sem língua, ininteligível para Ania. Desde que apareceu Leonora e o pai foi se perdendo num mapa próprio, que a tirou de órbita. Ania deixou de ouvir as palavras que saem da boca do pai e se jogou de cabeça numa nuvem de necessidades e urgências. Cenas que chegam como que trazidas pelo vento. A primeira vez que a inspetora da escola a chamou em sua sala e lhe deu um longo sermão sobre disciplina, sobre a importância de formar indivíduos retos (usou essa palavra, “retos”, e Ania imaginou um exército de crianças marchando com as costas muito erguidas, retos de corpo e de espírito, retos de fala, duros e inquebráveis como um paredão). Que fosse mais rigorosa, exigiu-lhe a inspetora. Que fiscalizasse os textos dos alunos, que não permitisse absurdos como os

do último jornal mural, que trazia crônicas com erros como “faucão” em vez de falcão (ou de facão, vá saber), “murmurar” em vez de murmurar, “cebosa” em vez de sebosa, “ispanto” em vez de espanto ou “berrido” ao invés de sabe-se lá o quê. Na redação de um menino que deixou a inspetora de cabelo em pé, um animal berria e Ania pensou na estranha sugestão desse som: um berro ou um latido perfurando o ar. Ela, pra dizer a verdade, achava fabulosas as invenções linguísticas dos alunos. Pensava que as palavras tinham dobras e estavam sempre na fronteira entre a carne e o mundo. No entanto, não gostava muito de crianças (de gente em geral, mas de crianças em particular). Se soltava a imaginação, inclusive, podia chegar a vê-las como seres diabólicos. As crianças, aquelas crianças que ela tinha como alunas, sugavam cada milímetro de sua vida. De qualquer forma, não passava por sua cabeça corrigi-las nem costurar-lhes a boca: deixar retas aquelas *línguas soltas, tão vivas*, ainda sem a espuma dos adultos. Às vezes pensava que não tinha tato para se relacionar com pessoas, que um animal ou uma planta eram muito mais toleráveis que um ser humano. Ela só tinha um gato, uma bola de pelos laranja transformada em parente involuntário, e isso era suficiente. Às vezes sentia que não servia para trabalhar. Pelo menos não numa escola, não vigiando a conduta dos outros. E havia outra questão: Ania não sabia dormir. Com o passar dos anos, havia esquecido como se dormia. Diazepam, dormonid, zopiclona, tinha provado de tudo. Andava sempre cansada, bocejando no meio das conversas. Assim não era possível ficar responsável por uma turma, dar aula de coisa alguma. Precisa cuidar da higiene do seu sono, lhe advertiam na escola. E ela achava graça da expressão. Imaginava-se passando uma esponja com sabonete em suas sonolências, escovando seus pesadelos. O que Ania queria era se aposentar antes dos quarenta anos, mas isso era impossível. Talvez seu futuro fosse cuidar de casas alheias e transformar-se no morador da vez. Ir se tornando

pouco a pouco aqueles outros que ela substituía. Adquirir seus hábitos, comer em seus lugares na mesa, fazer carinho em seus animais de estimação, masturbar-se em suas camas. Aprender seus comportamentos, inventar-se um manual para cada caso. O Javier ela havia conhecido assim: depois de passar uma noite em seu apartamento, sozinha, cuidando de um gato convalescente. Javier morava a três quadras de distância, num espaço minúsculo. Ele a contatara por um anúncio que ela fixou com um percevejo na distribuidora de bebidas do bairro. “Cuido de animais, passeio com cachorros, rego plantas.” Telefonou para ela, disse que era urgente, que viajaria naquela mesma noite e não tinha quem cuidasse de seu gato doente. Estava tratando com antibióticos uma infecção urinária, o gato. Deixou a chave com o porteiro e as instruções de como lhe dar o remédio. Confiança absoluta, o homem. Ou afeto extremo pelo animal. Ania gostou disso. Despediu-se de seu gato laranja e chegou para cuidar de um gato cinza que de início nem lhe deu bola. Olhou-a como se olha para um estranho, mal erguendo a cabeça, e acomodou seu corpo lânguido no sofá. Se Ania não sabia dormir em sua cama, que dirá em cama alheia. Tentou em vão. A zopiclona não fez efeito. Às quatro da manhã, levantou e foi fazer carinho no gato. O animal a olhou da mesma posição no sofá e soltou um miado disforme. Não era a voz de um felino. Um berrido, pensou, um murmurido. Às cinco fez um café, às seis tomou uma cerveja, às sete e meia esmagou o antibiótico, dissolveu-o na água, enfiou-o numa seringa, abriu a boca do gato e aplicou a dose. Depois deitou ao lado dele e conseguiu pegar no sono. Às dez e meia da manhã, sentiu um barulho na fechadura da porta: se apavorou. Sabia que era Javier, mas se apavorou. Provavelmente a insônia prolongada e os restos de sonífero no corpo a deixaram meio paranoica. Javier a cumprimentou como se a conhecesse da vida toda. E tomaram café e ele falou de seu trabalho numa gráfica e ela falou da

demissão na escola e da indenização precária, de sua busca incerta, de dormir mal, de sua vontade de se aposentar hoje mesmo, do dinheiro por cuidar de casas, gatos, cachorros e plantas que não era suficiente, nunca era suficiente. Devia fazer alguma coisa, disse. O pigarrear de seu pai a trouxe de volta. De repente as cenas anteriores apagaram-se de sua cabeça e impôs-se o som de uma voz alcoolizada. Desapareceram Javier e aquela primeira conversa em seu apartamento, o início de algo. Ali estava agora o pai no bar de sempre, com um terceiro cigarro apagado e a expressão de diga que sim, não me decepcione. Com o gesto de quem pede um favor. Leonora está convalescendo, ouve-o dizer. Acredita que já disse isso antes, mas não tem certeza. Que ele deve fazer companhia para ela aqui em Santiago. Que, ainda por cima, os filhos e os netos da mulher estão de visita, vieram do sul, continua o pai como numa prece. Só faltou o espírito santo, pensa Ania, muito embora nunca tenha visto seu pai rezando nem fazendo o sinal da cruz. Que, afinal de contas, continua o homem, ele é seu marido, sua família. Refere-se à Leonora, naturalmente. Famíliastra, ela quer corrigi-lo. Normas mínimas de convivência, filha. De que manual de comportamento seu pai está falando? De qualquer forma, ela suspeita que este não é o verdadeiro motivo. Com a morte de Agustín, último membro da tribo, acaba a história. Campana termina. E o pai não tem forças para testemunhar esse final. Foram-se os avós, os tios-avós e todos os parentes com mais de sessenta anos: a espécie vai terminando do outro lado de lá. Resta Claudia, sim, mas a garota já não mora em Campana. E, além do mais, é dos galhos novos da árvore, assim como ela, não chega aos quarenta anos. A bem da verdade, pensa Ania, o pai não é capaz de ver Agustín nessa condição porque adverte ali, na certa, seu próprio declínio. Estamos desaparecendo, *mena*, diz o homem num fiozinho de voz. E essas três palavras atravessam a pele da filha. Nesse momento, sem dizê-lo, ela aceita o pedido.

**PADRÃO UNIVERSAL:** A ordem ou distribuição das letras no teclado obedece a um motivo fundamental, tendo muito mais importancia do que parece à primeira vista. As letras não estão dispostas a esmo, e sim de nameira que as de uso frequente na linguagem se encontram ao alcance fácil dos dedos mais ágeis, enquanto as menos usuais se acham mais distantes. Isso constitui uma enorme vantagem que permite digitar com maior rapidez e desenvoltura. No entanto, ao se estabelecer a disposição das letras no padrão universal, atendeu-se especialmente o idioma ingles. Isso explica por que letras como A, E, C, D, S, usadas frequentemente em castelhano, encontram-se à esquerda, enquanto outras muito manos usuais, como Ñ, K, J, H, ficam à direita.

Seu pai lhe pediu duas coisas aquela manhã: que o substituísse do outro lado da montanha e que o visitasse aquela noite, na festa do seu aniversário. Sabe que ela e Leonora não podem se ver, por isso lhe pede desse jeito. Por favor, Ani, por favor. Toda vez que quer tê-la ao seu lado ele a chama de Ani, como se fosse um código secreto. Seu pai é tão óbvio, às vezes. Logo serei um velho octogenário, insistiu ele, como se não bastasse a estratégia do diminutivo. O pai e Javier tampouco podem se ver, de modo que essa é a carta que Ania joga na mesa aquela noite: “Toma, papi!”. Até o surgimento de Javier em sua vida, ela achava tão enfadonhos os galanteios de pavão no cio e depois as visitas e aquela mania de tornar-se um pouco filhos que tinham os homens com os quais saíra, que ela preferia ficar sozinha. Mil vezes um gato a um namorado, a um filho. Javier tem vinte e cinco anos a mais do que ela. Quando contou isso ao pai, o homem disse ah, então quer dizer que em vez de marido está procurando um vovozinho? Ela não andava procurando ninguém, onde já se viu? No máximo procurava por ele, mas isso ela não iria admitir. Então, ao invés de xingá-lo, disse a ele que pô, mal aparentava cinquenta anos, era bastante jovem. Cinquenta em cada perna?, brincou o homem. Nem sequer perguntou como se chamava. Ania o imaginou aquela noite com Leonora, comentando as últimas novidades de sua filha. Com um cara que podia ser seu pai, diria o pai, com um velho sessentão, percebe? Pobre..., murmuraria Leonora, como se Ania pudesse ouvir à distância seu falso lamento. Pobre de quem? De Ania? Do namorado de meia-idade que teria que aguentar



comentários como os dessa gente? Pobre é o caralho, ela se pegou dizendo em voz alta. E talvez por isso, por orgulho, aguentou tanto e acabou se afeiçoando ou se acostumando ou apenas se abrindo e aqui está agora com Javier, o homem que poderia ser seu pai, mas que é seu namorado, na entrada do prédio onde mora o homem que é seu pai.

Às nove em ponto tocar o interfone, informar o porteiro, aqui é a filha do meu pai (não mencionar Javier), pegar o elevador, dar três batidinhas na porta. Olhar de soslaio a cara que fazem ao vê-los chegarem juntos. Cumprimentar Leonora, perguntar por educação como vai a saúde. Não escutar a resposta. Aliar-se com o cachorro ali num canto, uma bola de pelos esbranquiçada em sua caminha de cobertor. Uma miniatura, quase um rato, esse animal que ela levou para passear cinco vezes nas últimas duas semanas. Um cachorro que a ajuda a pagar o aluguel. Acariciar seu dorso só para fazer alguma coisa com as mãos, tocar seu nariz úmido, deixá-lo lambe suas mãos. Cedê-lo a algum neto de aspecto diabólico que interrompe o sossego e tenta ganhar o afeto do bicho. Recuar junto a Javier, remoto habitante de outra dimensão. Cruzar a nuvem de fumaça e beijar seu pai antes que acenda o milésimo cigarro do dia. Entregar a ele o presente, o lenço de seda vermelho que ele mesmo lhe pedira. Pegar um punhado de uvas de uma travessa sobre a mesa, oferecê-las a Javier. Levantar três uvas à boca e quase não mastigá-las. Pensar no parreiral de Campana, em seu pai e ela cortando cachos para as viagens de volta ao Chile. Dizer agora que vai ao banheiro, entrar no escritório do pai. Olhar as estantes e paredes, cheias de fotografias de família. Procurar-se e não aparecer em nenhuma. Enteados, *famíliastra*: as prateleiras habitadas por uma genealogia alheia. Uma descendência de olhos cinzentos e narizes arredondados, nada a ver com ela. Não se ver ali, não existir. Voltar os olhos e encontrar a *Gran Enciclopedia del Mundo*. Aqueles tomos verdes e foscos como

o passado, que às vezes metiam na citroneta para que Ania se entretivesse durante a viagem. Tomo dezoito, página 196: *tilonorrinco*. Uma fotografia em preto e branco de um pássaro pequeno, barrigudo, parecido com um pardal, fazendo um ninho. Um pássaro que, dizem as páginas do livro, é famoso pelo galanteio dos machos com as fêmeas. Conquistam suas escolhidas confeccionando ninhos: decoram o espaço com raminhos de folhas e botões que mantêm sempre frescos. Os pássaros abrem as asas e exibem o brilho de suas penas com o peito estufado. Assim começa tudo, diz a enciclopédia. Olhar as imagens dos ninhos, instalações de arte mais do que simples tocas. Lembrar por contraste dos ninhos que ela descobria com Claudia na laranjeira da rua 9 de Julio. As primas trepavam na árvore, deslizavam pelos galhos feito duas macacas e topavam com os montinhos de palha. Nenhuma sofisticação naqueles pássaros campanenses. Às vezes havia um ou dois ovos. Elas sabiam que não deviam tocá-los, de modo que apenas olhavam e desandavam o caminho: galho, tronco, terra. Seu pai sempre explicava que os pássaros eram tipos solitários, que não deveriam ser incomodados. Uma vez, porém, Ania pegou um dos ovos e crac, quebrou-se na sua mão. Estava sozinha, sua prima tinha aula àquele horário. Não contou a ninguém. As mãos pegajosas, crac, a passarinha rondando. Não sabia o que fazer. Lá vai a *catrasca* de novo, diriam. Ela sabia: ca-tras-ca. Cagada atrás de cagada. Sempre tão desastrada, ela. Embaçou-lhe a vista: com sua falta de jeito, havia alterado o instinto da passarinha. Apaguem as luzes, escuta alguém dizer na sala. Pegar uma caneta do escritório e traçar um círculo em volta da imagem do *tilonorrinco*. Ter vontade de arrancar a página, mas de repente notar que o volume das vozes diminui, crac. Fechar a enciclopédia, guardá-la novamente na estante e parar de vasculhar os pensamentos. Agora vem o bolo e Ania entra direto no cenário onde seu pai, na penumbra, é o protagonista. O peito estufado, as asas

abertas. Ania vai direto até Javier, que a espera num canto como se a substituísse naquele lugar periférico. Os filhos e os netos de Leonora parecem espectadores de uma cerimônia presidencial. Até o cachorro ficou de pé. Todos a postos em seus lugares, as mãos prontas para o aplauso. As luzes apagadas, as velas acesas. O sopro: um, dois, três, setenta e três.

No dia seguinte, zarpar: cruzar a montanha, substituir o pai.